Rádio Conselheiro FM/Nova Friburgo/RJ: A informação mais próxima da comunidade[1]

Géssika Rabelo Pereira[2]
Jacqueline do Espírito Santo Pólo[3]
Nathiene Martins da Silva[4]
Roberto Fonseca Vieira[5]
Universidade Estácio de Sá, Nova Friburgo, RJ

Resumo
O objetivo deste estudo é disseminar a importância das emissoras de rádio, em especial as comunitárias, a partir do estudo da *"Rádio Conselheiro FM"*, agente integradora da comunidade de Conselheiro Paulino, distrito de Nova Friburgo – RJ, portanto uma rádio dedicada a democratizar a comunicação e integrar os indivíduos componentes da comunidade. Além do aspecto social, o estudo buscou mostrar dificuldades, sobretudo financeiras e legislativas, enfrentadas pela emissora a fim de se estabelecer no espaço local, pois seu funcionamento esbarra em algumas imposições governamentais no que concerne a sua outorga funcional, raio de emissão de sinal, potência, obtenção de recursos econômicos, entre outras medidas. Portanto um espaço de democratização e integração social tendo como opção o cidadão.

Palavras-Chave: Rádio Comunitária; Comunicação Social; Comunicação Comunitária; Comunidade

Introdução

Uma das características humanas é a busca por expressar seus sentimentos, desejos, gostos, entre outros aspectos, pois sem comunicação não há vida social. Nesse sentido, a comunicação tem extrema importância no cenário humano, porque integra as pessoas e possibilita a troca de experiências individuais que se relacionam e formam o que denominamos por sociedade.

---

[1]Trabalho apresentado na Divisão Temática DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2]Estudante de Graduação 4º. semestre do curso de Comunicação Social/Publicidade da Universidade Estácio de Sá – UNESA/Campus Nova Friburgo/RJ, e-mail: gessikarabelo@hotmail.com

[3]Estudante de Graduação 4º. semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estácio de Sá – UNESA/Campus Nova Friburgo/RJ, e-mail: jacquecatolica@hotmail.com

[4]Estudante de Graduação 4º. semestre do curso de Comunicação Social/Publicidade da Universidade Estácio de Sá – UNESA/Campus Nova Friburgo/RJ, e-mail: nathienems@yahoo.com.br

[5]Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá – UNESA/Campus Nova Friburgo/RJ, e-mail: rfvieira8@gmail.com

Além de informar os fatos e subjetividades da vida humana, a comunicação age como órgão de promoção do desenvolvimento social, denunciando e desmistificando as estruturas sociais falsas, inverídicas, que geram injustiças no interior de cada sociedade.

A comunicação Social constitui mais do que a realidade, pois veicula escala de valores, normas e regras morais para o comportamento humano. Assim, cria, em cada indivíduo, um mundo de referências exteriores por meio das quais os homens se relacionam.

No plano cultural, a comunicação cria laços capazes de influir sobre toda manifestação de um determinado grupo social, suas práticas cotidianas de vida, seus anseios, valores, costumes e hábitos característicos, sendo responsável, basicamente, pelo processo de democratização da cultura. Ela apresenta um papel ativo na busca pelo desenvolvimento da educação e do acesso ao maior número possível de conteúdos, contribuindo para a geração de novos e melhores padrões de vida.

O papel social exercido pelos veículos de comunicação é destacado pelo autor Luis Amaral; segundo ele:

> Os veículos de Comunicação Social são instituições sociais. Quer dizer, são instituições criadas pela necessidade dos agrupamentos definidos de indivíduos obedientes a leis, costumes e tradições comuns. Seu caráter emana da sociedade, sobrevive graças à sociedade, sua destinação é a sociedade. Uma das características fundamentais do jornalismo é a recepção coletiva. (AMARAL, 1969:25)

A influência dos meios de comunicação e sua importância nos países em busca de desenvolvimento são relatadas pela Unesco na publicação *"O que podem fazer os meios de comunicação nos países em desenvolvimento?"*. Nela, são citados os seguintes itens:

> (...) os meios de informação podem ampliar o horizonte intelectual; podem direcionar a atenção; podem criar um clima favorável ao desenvolvimento; podem ajudar a formar o bom gosto; podem modificar as atitudes pouco profundas e orientar, em certa medida, as atitudes fortemente enraizadas. (UNESCO, 1962:s.p.)

Por fim, a comunicação social age como elemento integrador de relações sociais, contribuindo para o desenvolvimento social e a qualidade de vida das pessoas. Com ela, pode-se expressar os sentimentos e desejos, saindo de uma posição passiva de receptores e assumindo a condição de emissores em prol das necessidades. Portanto, a comunicação tira o indivíduo de seu "mundo isolado" e insere-o num espaço de grandes experiências sociais no mundo globalizado moderno.

Comunidade

Pensar no significado de comunidade hoje é uma tarefa um pouco confusa, já que o conceito apresenta complexos, vindos de posições divergentes, até mesmo dentro do próprio meio acadêmico. Porém, para se ter uma dimensão do termo é necessário estudar como se produzem as relações sociais dentro de cada sociedade. Nesse sentido, pode-se voltar ao pensamento de Weber, o qual explica o que é uma relação comunitária, base de toda comunidade:

> Uma relação social denomina-se 'relação comunitária', quando e na medida que uma atitude na ação social – no caso particular ou em média ou no tipo puro – repousa no sentido subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo. (WEBER, 1999:25)

Num mundo onde a concorrência se faz presente, a busca dos semelhantes pelos seus interesses, seja de uma determinada camada social, ideais ecológicos, gênero e outros, abre espaço para a discussão do significado de comunidade. Assim, a luta para ocupar o espaço vem junto com a afirmação e o estabelecimento definitivo de elementos intermediários, como as rádios comunitárias.

Neste ponto, se estabelece a controvérsia entre rádios convencionais e comunitárias. As primeiras, com receio de perda de espaço junto à audiência, não se abrem às segundas. O mercado é rígido, inflexível e resiste a inovações como, por exemplo, o voluntariado e o idealismo que se tornam inconvenientes para ele.

Bauman afirma que:

> Comunidade é o tipo de mundo que não está lamentavelmente ao nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir (...) Comunidade é, nos dia de hoje, outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. (BAUMAN, 2001:09)

Ao refletir sobre o que Bauman aponta, pode-se ver o quanto as rádios comunitárias se afastam deste paraíso perdido. São inovadoras em seus conteúdos e também na sua gestão, mas se localizam no meio do debate sobre a democratização do comunicar, através das divergências que surgem no próprio movimento pela variedade de experiências.

Comunicação Comunitária

A comunicação popular apresenta características singulares que a diferencia de outros modelos; entre elas, estão o envolvimento desde os pequenos meios de comunicação

dirigida até os de comunicação grupal e os de comunicação massiva. Os veículos populares não são elaborados com metodologias uniformes e possuem instrumentos de uma comunicação realmente participativa. Além disso, esse tipo de comunicação sempre tem como principal personagem o próprio povo ou organizações e pessoas a ele ligadas diretamente, enquanto a comunicação de massa se realiza pelo retorno econômico-financeiro.

Raquel Paiva explicita bem o espírito que envolve a concepção de comunicação como instrumento cultural:

> A proposta da comunicação comunitária passa necessariamente pela revisão do conceito de comunidade (...) Cidadania e solidarização transformam-se em paradigmas que permitem imaginar uma ordem com objetivos diferentes da premissa econômica universalizante, esta mesma que pretende instaurar de maneira genérica a globalização. A proposta comunitária surge como nova possibilidade de socialização com propósito frente ao modelo econômico em que o número de excluídos parece cada vez mais ampliado. (PAIVA, 2003:26)

Excluídos do processo de comunicação, grupos sociais como favelados, associações de bairros, religiosos, sindicais, ONGs, tomam para si a tarefa de quebrar o monopólio da comunicação comercial e dos interesses do mercado. Fundam, então, rádios e TVs comunitárias que abrangem bairros, vilas e favelas de todo o Brasil.

Segundo Regina Festa, os meios comunitários estariam ligados à:

> (...) cultura popular, que desempenharia um papel de 'cultura de resistência' (ao capitalismo, à ideologia dominante, à cultura oficial). (...) Para tanto, sua produção estaria desvinculada do maquiavelismo da cultura de massa. Seria pura em sua criação, ousada em seu conteúdo e permaneceria imaculada na divulgação e recepção. (FESTA, 1986:178)

A comunicação popular possui as seguintes características e limitações: é dirigida por instituições sem fins lucrativos e movimentos sociais; se apresenta de forma horizontal, emitida a partir dos anseios das classes subalternas; mobiliza e organiza o povo em torno de seus interesses; desvenda a realidade; sustenta a existência de conflitos entre as classes sociais; inter-relaciona os fatos, para facilitar uma melhor compreensão; politiza a comunidade; proporciona o diálogo e a participação na tomada de decisões; é economicamente instável; tem um raio de atuação limitado; não tem assegurado o acesso à tecnologia.

Seus aspectos positivos são: diversificação de instrumentos; apropriação de meios e técnicas; conquista de espaços; conteúdo essencialmente crítico; autonomia institucional;

articulação da cultura; reelaboração de valores; formação de identidades; preservação da memória; democratização dos meios e conquista da cidadania.

A comunicação comunitária age como meio facilitador do exercício dos direitos e deveres da cidadania. A razão de ser do meio comunitário baseia-se no compromisso com a melhoria das condições de existência e de conhecimento dos membros de uma comunidade, ampliando o exercício da cidadania.

Ao participar do processo de comunicação comunitária, as pessoas vivenciam um método educativo que contribui para a sua formação enquanto cidadãs. Passam a compreender melhor a realidade e o mundo que as cerca. Aprendem também a trabalhar em equipe e a respeitar as opiniões dos outros, aumentam seus conhecimentos técnicos, filosóficos e históricos, ampliando a consciência de seus direitos. Desenvolvem, também, a capacidade de expressão verbal, além de conhecerem o poder de mobilização que a mídia possui, geralmente simbolizado pela formulação e atendimento às reivindicações. Com isso, aprendem a entender os mecanismos de funcionamento de um meio de comunicação, gerando um espírito crítico capaz de compreender a lógica da mídia.

No meio comunitário ocorre um fundamental processo de educação e comunicação, o qual aponta para um desenvolvimento integral da pessoa. Assim, ele funciona como um facilitador de processos educativos mais amplos, proporcionando o rompimento dos fluxos unilaterais de comunicação, pois institui métodos capazes de converter receptores em emissores e vice-versa.

A democratização da informação se faz presente nos veículos comunitários, porque estes ampliam a geração de conteúdos e o aumento do número de emissores, no incentivo à propriedade coletiva, dando voz à população. Desta forma, qualquer cidadão pode sair da condição de receptor para a de emissor, como sujeito produtor e difusor de conteúdos.

Por estarem próximos aos cidadãos, no sentido da possibilidade de acesso, os meios comunitários se mostram como grande oportunidade aos canais de comunicação, ao criar um modelo baseado na dimensão social que um meio comunicacional pode atingir.

A comunicação comunitária, popular e alternativa segue um caminho que tem por destino alcançar a democracia comunicacional e o interesse em socializar os benefícios gerados pelos desenvolvimentos econômico, cultural e político.

Como todo meio de comunicação, as atividades de comunicação comunitária requerem a preparação das pessoas para o uso das técnicas e tecnologias. Há a necessidade

de se adquirir competência, o que carrega a noção do direito ao acesso ao conhecimento técnico e especializado em comunicação.

O Rádio: meio de massa e a audiência

O rádio se caracteriza por ser o meio de comunicação de massa que mais diminui distâncias, segundo o autor Marshall McLuhan:

> O rádio provoca uma aceleração de informação que também se estende a outros meios. Reduz o mundo a uma aldeia (...). Mas, ao mesmo tempo em que reduz o mundo a dimensões de aldeia, o rádio não efetua a homogeneização dos quarteirões da aldeia. Bem ao contrário. (MCLUHAN, 1964:344)

Por ser um meio tradicionalmente de comunicação de massa, o rádio possui uma audiência ampla, atinge uma enorme área, somente limitada pela potência dos transmissores; heterogênea, abrange pessoas de diversas classes socioeconômicas, com anseios e necessidades diversas e anônimas. O comunicador não sabe quem é, individualmente, cada um de seus ouvintes. Sua mensagem é definida por uma média de gosto, atingindo públicos específicos.

A mensagem do rádio pode ser recebida ao mesmo tempo por muitas pessoas; ela pode ser escutada através de um único aparelho receptor por uma ou mais pessoas, simultaneamente, enquanto realizam suas atividades.

A mensagem do rádio é instantânea; a notícia radiofônica torna-se obsoleta simultaneamente a sua transmissão, por isso sempre busca ser a mais atual possível, se possível no mesmo momento do acontecimento, sendo estruturada de acordo com o público alvo que se quer atingir.

O rádio tem a possibilidade de informar o fato, não apenas no momento em que ele ocorre, mas direto do local de ação deste acontecimento, pois este fato pode ser narrado através de uma linha telefônica; não há a necessidade de se criar uma estrutura de divulgação para que o mesmo possa ser apresentado.

O rádio também está presente na maioria dos automóveis, fazendo com que as pessoas dediquem por dia um tempo bem superior ao obtido por outros veículos de comunicação, já que grande parte do seu tempo passam dentro de um carro se dirigindo aos seus trabalhos ou residências.

McLuhan em seu texto "*Rádio, o Tambor Tribal*" apresenta o rádio da seguinte forma: "O rádio não é apenas um poderoso ressuscitador de animosidades, forças e

memórias arcaicas, mas também uma força descentralizadora e pluralística(...)" (MCLUHAN, 1964:344)

O rádio afeta as pessoas oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o locutor e o ouvinte. Devido a sua invisibilidade, pode manifestar-se particularmente em cada pessoa. Assim, mostra-se como um veículo rápido e quente, capaz de reduzir o tempo e o espaço que deveria separar emissor e receptor.

Além disso, o rádio presta serviços locais e regionais, atendendo as necessidades individuais de cada povo, possui liberdade de diversificação, transmitindo em diferentes horas do dia uma programação diferenciada para as mais diversas atividades.

Rádio Comunitária

As rádios comunitárias foram inspiradas no desejo de democracia plena e da cidadania. O movimento organizado pró rádios comunitárias teve início, no Brasil, em meados dos anos 1980, através dos grupos feministas, associações de moradores de bairros e favelas, e uniões de pessoas ligadas em busca da defesa dos direitos humanos.

Uma rádio comunitária apresenta diversas singularidades: transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. A emissora radiofônica permite ainda a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na gestão da emissora.

Segundo Cecília Peruzzo, socializar e regionalizar a comunicação seriam, no futuro, duas das funções das rádios comunitárias. Assim, elas abririam caminhos, sem perder o ponto de vista que o mundo está na era da globalização, fortalecendo a cultura local como, por exemplo, formas de alimentação tradicional e valorizando o trabalho daqueles que integram a comunidade; dando ênfase à música regional e ao folclore, às festas religiosas, prestigiando a melhoria da qualidade de vida com noções de higiene, aproveitamento dos alimentos e a preservação do meio ambiente, principalmente a água.

> O mundo passa por intensas transformações técnico – científicas, ao mesmo tempo, vê-se envolvido por fenômenos de desequilibro e contradição que ameaçam a vida e a humanidade (...) Algumas experiências de movimentos populares na comunicação, comprovam que o homem e a mulher encerram a potencialidade de

> ser sujeito da história. Ser sujeito e não mero objeto é essência da condição humana. (PERUZZO, 1998:23)

Nestor Garcia Canclini apóia o pensamento das rádios comunitárias de que a sociedade civil não é uma massa uniforme, mas admite as diversas vozes e opiniões. Ele afirma:

> (...) mostrar que para se viver em sociedade democrática é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãs inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda, do entretenimento. Lembrar que nós cidadãos também somos consumidores leva a descobrir na diversificação dos gostos uma das bases estéticas que justificam a concepção democrática da cidadania. (CANCLINI, 1999:58)

Neste ponto, se apresenta um dos maiores desafios das rádios comunitárias: admitir a pluralidade das vozes e a possibilidade de apresentação dos vários pensamentos expressados na comunicação de ouvintes.

As rádios comunitárias, dando voz a todos, trabalham no sentido de captar o que Barbero chama de popular. Ao participar, o ouvinte sente-se como se fosse o próprio veículo e continua cumprindo as tarefas diárias que lhes são impostas.

> (...) o rádio não requer qualquer capacidade além da audição, com sua 'restrição' ao sonoro – a voz e a música – permitindo-lhe desenvolver uma habilidade expressiva coloquial, e seu emprego não-excludente e sim compatível, possibilitando a superposição e o entrelaçamento de atividade e tempo. (BARBERO, 2003:263)

Portanto, as rádios comunitárias não excluem das atividades diárias o receptor e ainda permitem, quando possível, a participação, através do telefone, das reuniões mensais de associados, podendo o ouvinte dar a sua opinião que será discutida durante os programas.

Ao mesmo tempo em que a possibilidade de expressar sua opinião no ar e discutir com outras pessoas são, também, uma forma educativa do ouvir, concordar, transformar ou discordar, esta dialética trabalha no sentido de educar e ser educado. Há uma troca entre o emissor e o receptor transformando a prática numa vivência que tanto acrescenta ao emissor quanto ao ouvinte e a todo o grupo.

A rádio surge, então, como mediadora da comunicação da casa e a da cidade, trazendo à tona assuntos que foram esquecidos ou sufocados porque não interessam à sociedade de consumo, que tem a tendência de sempre apresentar novidades que estimulem a novas apropriações, acabando com as tradições da sociedade.

As rádios comunitárias, atingindo o bairro, fazem, segundo Barbero, "ressuscitar o novo do velho".

> Não podemos então pensar hoje o popular atuante à margem do processo histórico de constituição do massivo: o acesso das massas, a sua visibilidade e presença social, e da massificação em que historicamente esse processo se materializa. Não podemos continuar construindo uma crítica que separa a massificação da cultura do fato político, que gera emergência histórica das massas e do contraditório movimento que ali produz a não-exterioridade do massivo ao popular (...) Atenção, porque o perigo está tanto em confundir o rosto com a máscara – a memória popular com o imaginário da massa – como crer que possa existir uma memória sem o imaginário, a partir do qual se possa ancorar no presente e alimentar o futuro. (BARBERO, 1989:30)

Quando falamos em democratização da comunicação nos voltamos ao pensamento de Morin, que confirma o papel da democracia na comunicação:

> (...) a democracia não é, absolutamente, a ditadura da maioria. Pelo contrário, ela pressupõe a proteção das minorias e a não-repressão de idéias que possam parecer afastar-se de padrões estabelecidos, que possam parecer absurdas. Na verdade, essa tolerância a idéias que muitas vezes nos parecem intoleráveis significa uma resistência a nós mesmos, um sofrimento mesmo, pois nós nos impedimos de eliminar o adversário. Isso faz parte da regra do jogo (...) a democracia não tem verdade. Ela respeita as verdades que se opõem (...) É muito importante (...) proteger a diversidade, cultivar a diversidade, não excluí-la. (MORIN, 2001:32-33)

O rádio "liga" a cidade, dando nítida impressão de que o cidadão não está só. Outras pessoas vivem os mesmos dramas, fantasias, problemas e reinvidicações. A meta é, pela democratização da comunicação, contribuindo para uma aproximação maior do sujeito, compreendendo o que está acontecendo em sua cidade e aproximando-o dos poderes constituídos para que possa entender onde está situado, quais os seus direitos e também deveres, esclarecer o que é legislar, executar serviços, julgar pendências e atos.

A rádio comunitária procura incluir na sua programação personalidades da vida pública institucional, abrindo diálogo entre os desiguais.

A comunidade reconhece a rádio comunitária típica como sendo sua e por isso a protege e dela participa ativamente.

Por outro lado o termo foi institucionalizado, em novembro de 1995, no I Encontro Nacional de Rádios Livres Comunitárias - representa a conquista do acesso aos meios de comunicação por parte dos movimentos populares e das comunidades.

No Brasil, esse acesso demorou a ser legalizado – a primeira legislação para rádios de baixa potência foi aprovada em 4 de dezembro de 1996, pela Câmara dos Deputados através do projeto de lei nº1521/96 - e hoje constitui uma das poucas formas viáveis de comunicação ao alcance das comunidades.

Uma grande gama de experiências está presente nas rádios comunitárias, as quais são valorizadas e reconhecidas pela Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC), como se pode ver na definição do que seja uma rádio comunitária:

> Rádio comunitária, rádio rural, rádio cooperativa, rádio participativa, rádio livre, alternativa, popular, educativa... Se as estações de rádio, as redes e os grupos de produção que constituem a Associação Mundial de Rádios Comunitárias se referem a eles mesmos por meio de uma variedade de nomes, suas práticas e perfis são ainda mais variados. Algumas são musicais, outras militantes e outras musicais e militantes. Localizam-se tanto em áreas rurais isoladas, como no coração das maiores cidades do mundo. Seus sinais podem ser alcançados a uma distância de apenas um quilômetro, na totalidade do território de um país ou em outros lugares do mundo via ondas curtas. Algumas estações pertencem a organizações sem fins lucrativos ou a cooperativas cujos membros constituem sua própria audiência. Outras pertencem a estudantes, universidades, igrejas ou sindicatos. Há estações de rádio financiadas por doações provenientes de sua audiência, por organismos de desenvolvimento internacional, por meio de publicidade e por parte de governos. (*"Afinal, para AMARC o que é uma rádio comunitária?"*, [s.a], [s./d.], http//www.brasil.amarc.org/quemsomos.php)

A Amarc Brasil também reconhece a diversidade de rádios comunitárias, porém enfatiza o caráter de interesse público das mesmas:

> (...) Distintos nomes e um mesmo desafio: democratizar a palavra para democratizar a sociedade. Grandes ou pequenas, com muita ou pouca potência, as rádios comunitárias não fazem referência a um "lugarejo", mas sim a um espaço de interesses compartilhado. Nestas emissoras pode-se trabalhar com voluntários(as) ou pessoal contratado, com equipamentos caseiros ou com o que há de mais desenvolvido tecnologicamente. Ser comunitário não se contrapõe à produção de qualidade nem à solidez econômica do projeto. Comunitárias podem ser as emissoras de propriedade cooperativa, ou as que pertencem a uma organização civil sem fins-lucrativos, ou as que funcionam com outro regime de propriedade, sempre que esteja garantida sua finalidade sociocultural. ("*Afinal,para AMARC o que é uma rádio comunitária?"*,[s.a],[s./d],http//www.brasil.amarc.org/quemsomos.php)

A Unesco incentiva o uso dos meios de comunicação como fatores de desenvolvimento social e local, como mostra seu folheto explicativo sobre *"Centros Multimédia Comunitários"*, na parte sobre as rádios comunitárias, destaca:

> A rádio comunitária é pouco custosa, fácil de manejar e tem a vantagem de alcançar a todos os membros da comunidade em sua própria língua. Como meio de comunicação de massa, incrementa consideravelmente o potencial de desenvolvimento implícito no intercâmbio de informação, de conhecimento e de experiência. A rádio comunitária não só informa, educa e entretém, mas dota a comunidade de mais poder ao outorgar a palavra a todos 'sem-voz', com o que favorece a transparência nos assuntos públicos" (Unesco, "*Centros Multimédia Comunitários (CMCs): Iniciativa da expansão em Moçambique*, [s.a], [s./d.])

As rádios comunitárias têm um relevante papel a desempenhar no processo de mobilização para ampliar a cidadania. Elas podem contribuir efetivamente para o avanço do desenvolvimento social e local a partir de várias formas, desde os conteúdos que divulgam até a participação no próprio processo de fazer rádio.

Enquanto unidade de produção econômica, a rádio comunitária impulsiona a aplicação de recursos na comunidade por meio da aquisição de equipamentos e instalações, do trabalho investido (remunerado ou não), da inversão de valores na manutenção de equipamentos e na aquisição de produtos de consumo (discos, fitas etc.). As emissoras comunitárias ainda contribuem na área econômica por meio da divulgação de unidades produtivas e de serviços locais (comércio, festividades, campanhas educativas), o que incentiva a geração de outros recursos, da prestação de serviços de áudio a segmentos locais, da realização de cursos de formação de curta duração (preparação das equipes), assim como da produção dos bens culturais veiculados, entre outros aspectos.

Quanto mais democrática for uma rádio comunitária, mais estará contribuindo para ampliar o exercício dos direitos e deveres da cidadania. Para tal, recomenda-se que alguns princípios norteadores sejam levados em conta, como: participação ativa, democracia, caráter público (programação cidadã), autonomia, gestão coletiva, vínculo com a cultura local, ser sem fins lucrativos.

A rádio comunitária favorece o desenvolvimento, tanto pelas operações econômicas que desencadeia, como pelos conteúdos que transmite e pelo aprendizado que proporciona àqueles que participam do processo de planejamento, criação, transmissão de mensagens e de gestão da mídia popular e alternativa.

Numa rádio comunitária, a comunidade exerce funções de redator, locutor ou de operador de som, criando roteiros de programas e participando da discussão e da tomada de decisões. As pessoas se desenvolvem, aprendendo a falar em público, aumentando sua capacidade de criatividade e melhorando os relacionamentos sociais. Em relação à auto-estima produzida por esse meio, José Ignácio López Vigil lembra: “A comunidade se escuta e, escutando-se, aumenta sua autonomia individual e coletiva. Os vizinhos se conhecem mais, se reconhecem melhor. A rádio local constrói identidade.” (LÓPEZ VIGIL, 2003:487)

As rádios comunitárias têm grande potencial para favorecer o desenvolvimento da cidadania, tanto pelos conteúdos que difundem, como pela participação dos cidadãos na própria feitura do meio de comunicação.

A rádio comunitária é uma concessão de serviço público que se apresenta como um canal de comunicação que traz oportunidades de proporcionar à população a possibilidade de fazer sua própria comunicação.

Num bairro, uma rádio pode buscar caráter comunitário trabalhando com conteúdos retirados do cotidiano local, do que une a todos na vida real e no dia-a-dia. É essa cultura do cotidiano que aproxima e identifica os indivíduos em uma comunidade. "Buscar subjetividade no processo comunicativo é "agir" e "deixar agir" dentro da relação emissão-recepção." (NUNES, 1995:140).

"A forma autogestionária como se estruturam as rádios comunitárias, com projetos pequenos de comunicação, nos quais se busca descentralizar a informação e exercitar a liberdade de informação, leva ao exercício efetivo da cidadania" (NUNES, 1995:199). Com a democratização da comunicação social, será possível estabelecer novas condições para se formar alternativas futuras de conteúdos.

Assim, a rádio livre estabelece novas relações de poder, representando para a comunicação social, a geração de poderes, descentralizado e democratizado.

O papel das rádios comunitárias transcende à publicização da causa defendida por um movimento social junto à sociedade, fortalecendo-o e ajudando-o a se apresentar melhor, ampliando a percepção dos próprios integrantes do grupo em relação aos objetivos que defendem e à causa que perseguem.

Além disso, fazer rádio comunitária é uma forma alternativa de exercer cidadania e estabelecer laços sociais mais ampliados com o conjunto da sociedade.

A Rádio Conselheiro FM

A partir dos estudos realizados, apresentamos o ano de 2001, quando a Associação Geral de Moradores do Loteamento Floresta (bairro de Nova Friburgo, próximo a Conselheiro Paulino), através do seu Presidente Valcemyr Faria, no qual manifestou junto ao Ministério das Comunicações, o desejo de criar uma Rádio Comunitária em Conselheiro Paulino – 6º Distrito de Nova Friburgo – RJ. Várias assembléias foram realizadas para adequação da Associação de Moradores em seus objetivos administrar uma Rádio Comunitária.

Após 6 (seis) anos, notificou-se um Aviso de Habilitação para a criação de uma Rádio Comunitária a ser localizada em Conselheiro Paulino. Dentre tantas entidades que

participaram deste processo, apenas a Associação Geral de Moradores do Loteamento Floresta apresentou toda documentação necessária e exigida para abertura deste canal. Ao longo dos anos, o criterioso processo de legalização começou a tramitar no Ministério das Comunicações, complementado pelos projetos técnicos apresentados e declarações que lhe foram encaminhados, de acordo com a lei vigente.

Foi publicado no dia 20 de dezembro de 2007, no Diário Oficial da União pelo Ministério das Comunicações através da portaria 846/2007, de acordo com a lei 9612/98, a concessão do direito de a autorização de executar o serviço de Radiodifusão Comunitária. Em 17 de outubro de 2008, é então, finalmente concedida a licença para o definitivo funcionamento de estação de Radiodifusão Comunitária, de número 00008/2008-RJ, com validade de 10 anos. A título de RÁDIO COMUNIDADE CONSELHEIRO FM – ZYU – 202 – 104,9 Mhz, FSTEL nº 50404821596, que por determinação da ANATEL, passou a operar na faixa de 87,7 Mhz.

Com seu estúdio localizado na Avenida Governador Roberto Silveira, nº 3450 – Conselheiro Paulino, sua estrutura conta com uma antena de transmissão instalada em aproximadamente 30 metros de altura, no qual atinge um raio de aproximadamente 3 km de sua sede, abrangendo todo o distrito, que possui 29 bairros.

Contando com 21 programas, a Rádio Conselheiro FM constatou em uma de suas aferições o alcance de aproximadamente 78% de audiência no próprio bairro de Conselheiro Paulino. Como preferência popular dos programas de música e informativos, destaca-se o programa MANHÃ MUSIC, que é apresentado de segunda a sexta, das 8:00h às 12:00h.

A Rádio Conselheiro FM possui uma programação eclética, ou seja, variados tipos de programas com finalidades educativas, culturais, artísticas e informativas que atendem diversos públicos, respeitando aos valores éticos e sociais, da pessoa e da família, não discriminando sexo, raça, religião, ideologias, partidos políticos e condições sociais, no qual está voltada à comunidade, o que afirma seu papel na radiodifusão social. Estes são formados por informações do distrito e da cidade, contando com a participação do público com denúncias, pedidos, oferecimentos e reclamações, cumprindo o combinado referente a rádios comunitárias conforme lei artigo 9612/98 indica.

A manutenção da rádio conta com parceiros, patrocinadores e apoios locais que investem em recursos para seu contínuo funcionamento, que visam o próprio desenvolvimento do distrito a partir da difusão de informação pela Rádio Conselheiro FM.

Os mesmos são utilizados para permanência dos funcionários necessários dentro da rádio, manutenção e compra de materiais auxiliares que compõem o ambiente, como aparelhos de som, microfones, computadores, cabines, entre outros.

A integração dada a partir da relação direta e simples do telespectador diante da Rádio Conselheiro FM como difusora de informação social, é retratada por um cenário onde a participação da opinião pública é evidente neste contexto, levando em consideração os programas que permitem tal interação. Um destes é o programa Educação em debate, apresentado aos sábados de 12:00h às 13:00h, voltado para mostrar a realidade local em relação a educação, propondo promover a mesma primeiramente, no distrito em que atua, oferecendo opções culturais e de entretenimento. Atingindo pilares mais distantes, este programa da rádio permitiu espaço para que fosse criada uma ONG, voltada para o auxílio da educação local, afirmando mais uma vez seu caráter comunitário.

Ao se desprender do delimitado estúdio radiofônico, a informação desfila não só pelo bairro, como também por toda cidade, atingindo àqueles que interagiram ao ouvir determinada programação, mas também àqueles não a ouviram, sendo ligados a ela por terceiros, que insistem em compartilhar o que foi comunicação com eficácia. Da mesma forma, percebe-se que os movimentos das rádios comunitárias refletem a preocupação em colaborar com a construção de identidade coletiva, por meio da democratização da comunicação. Possibilitando a participação dos ouvintes através de suas necessidades diante do contexto social em que estão inseridas, utilizando deste meio como forma de se expressarem e pontuarem suas exigências para a construção da sua participação cidadã que vem a ser o seu projeto central. Embora sua face mais visível muitas vezes mostre certas atitudes de resistência.

Considerações Finais

De acordo com o material coletado e analisado, partindo das informações mais específicas da Rádio Conselheiro FM, foi possível desenvolver com as relações vistas de diferentes ângulos, a compreensão da importância deste canal e de sua função social como radiodifusora da comunicação de massa, desde sua formação, passando por pontos relevantes, até a atualidade.

Ressaltando-se sua participação quanto à comunicação, de modo que transmite eficazmente suas produções e informações, levando um complemento cultural para todos os indivíduos de uma sociedade, estes que tem acesso direto ou não à rádio. Ficando

evidenciada questões como a democratização e integração social, como resultados da rádio comunitária dentro da comunidade, que possibilitou um modo para que se pudesse compartilhar as expressões que muitas vezes não especificadas por falta de um meio.

Por outro lado enfatizou-se, também, sua permanência passando por pontos de conservações financeiras e legislativas, que por muitas vezes foram obstáculos para a continuidade deste processo.

Por fim, se determinou os laços criados por esta interação, que são de total importância social, visto que seu conteúdo faz parte do desenvolvimento cultural da sociedade, reafirmando sua característica comunitária.

Referências

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
FESTA, Regina. **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.
LÓPEZ VIGIL, José Ignácio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.
MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
_____ . **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.
MORIN, Edgar. **Ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
_____. **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.
PERUZZO, Cecília. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis: Vozes, 1998.
WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Brasília: UNB, 1999.

Sites consultados

AFINAL, PARA AMARC O QUE É UMA RADIO COMUNITÁRIA? Associação Mundial de Rádios Comunitárias. [s./l.; s.d.]. Disponível em: http://brasil.amarc.org/quemsomos.php. Acesso em 05 de Abril de 2012.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. Rádios Livres – O outro lado da voz do Brasil. São Paulo: 1995. Disponível em: http://www.scribd.com/doc/38237016/Radios-Livres-A-outra-voz-do-Brasil . Acesso em 12 de Abril de 2012.

UNESCO. Centros Multimedia Comunitarios. Paris: UNESCO, s./d. Disponível em: http://www.caicc.org.mz/index.php?view=article&id=5%3Acentrosmultimediacomunitarios&format=pdf&option=com_content . Acesso em 17 de Abril de 2012.